

FAMILIA ATUAL, DE QUE FAMÍLIA FALAMOS? ¹

| SÉRGIO TELLES ²

RESUMO

O autor especula de que maneira as transformações socioculturais ocorridas na família repercutem no romance familiar e no segredo familiar, conceitos clássicos próximos de cripta, fantasma e herança transgeracional, criados mais recentemente por Abraham e Torok. O tema também é ilustrado com episódios dos romances familiares de Freud, Hergé e W. G. Sebald.

Palavras-chave: cripta, fantasma, herança transgeracional, romance familiar, segredo familiar, transformações socioculturais da família.

ABSTRACT

The author speculates how the sociocultural transformations within a family affect the family romance and the family secret - classical concepts that are related to those of crypt, phantom, and transgenerational inheritance, more recently created by Abraham and Torok. The work is also illustrated by episodes of Freud's, Hergé's and W. G. Sebald's family novels.

Keywords: crypt, phantom, transgenerational inheritance, family romance, family secret, sociocultural transformations in the family.

1 Palestra realizada na III jornada – A especificidade do trabalho Psicanalítico com Família e Casal na Diversidade do Mundo Atual – realizada em 30 de outubro de 2021.

2 Psicanalista e escritor, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (São Paulo), onde coordena o grupo “Psicanálise e Cultura” e faz parte do corpo editorial da revista “Percurso”. É autor de vários livros de psicanálise e literatura, com artigos publicados em revistas especializadas e na grande imprensa.

O título nos faz pensar nas transformações socioculturais ocorridas nos últimos tempos e o que elas provocam na organização familiar. Refiro-me à mobilidade das famílias em função de divórcios e novos casamentos, a convivências das proles de cada um dos cônjuges, a legitimação das relações homoafetivas e adoção de filhos por parte desses casais, as possibilidades de concepção criadas pela tecnociência que beneficiam casais inférteis ou homoparentais. Essas práticas tornam bastante complexa a questão da filiação e da paternidade/maternidade. A isso tudo se acrescenta mais recentemente as questões de gênero, que afligem as famílias, especialmente ao se agudizarem na adolescência.

A família é o espaço onde o sujeito se constitui, estruturando seu psiquismo através do estabelecimento de fortes relações afetivas e de um complexo jogo de identificações com os pais ou figuras adultas que exerçam a função materna (cuidadora) e a função paterna (que media a ligação com o mundo externo e o estabelecimento da lei). É na família onde os pais ou os adultos responsáveis pela criança lhe transmitem a linguagem, os valores culturais, éticos e morais de seu grupo social. É na família onde a criança exercita suas pulsões de amor e ódio e aprende a controlá-las e moldá-las para o convívio social.

Nós analistas não prevemos o futuro, nem somos os guardiões dos costumes e da moralidade pública. Nossa função é tentar entender a dinâmica inconsciente que permeia todos os pensamentos e comportamentos humanos. Não sabemos de que forma essas mudanças ocorridas na família vão intervir em suas funções estruturantes, definitivas. Mas sabemos, sim, que essas transformações suscitam muita angústia, pois a perda de modelos e padrões longamente praticados provoca desorientação e medo.

Nós analistas devemos manter nossa capacidade de pensar e analisar, ainda mais nesse tempo de polarização e radicalização que extrapola a expressão política e invade os demais campos das atividades sociais e mesmo as científicas. Todos estamos cientes das danosas disputas em torno do combate à pandemia do Covid-19, que ilustram tão bem os perigos de deixar as crenças ideológicas prevalecerem sobre o conhecimento científico. Atualmente, as chamadas “políticas identitárias”, que nos interessam sobremaneira enquanto analistas, na medida

em que envolvem importantes aspectos de nossa clínica individual e de família, tornaram-se de tal modo explosivas, a ponto de muitos se esquivarem de opinar sobre elas, o que dificulta o estudo isento e não dogmático imprescindível para a compreensão e encaminhamento da questão.

Os mais conservadores temem que famílias que se organizam de forma tão distante dos modelos tradicionais, convencionais e patriarcais, possam gerar filhos gravemente prejudicados psicologicamente. É bom lembrá-los que a humanidade e a loucura que lhe é inerente foi gerada por famílias tidas como tradicionais, convencionais e patriarcais. Assim como a família convencional não garante sua própria saúde mental nem de sua prole, é precipitado afirmar que famílias não convencionais levem necessariamente à desordem social ou individual. As novas organizações da família talvez nos mostrem que os mecanismos de identificação e a formação da identidade se organizam de forma mais flexível do que imaginávamos, podem seguir por trilhas diversas das que julgávamos, até então, como exclusivas.

Freud reconhecia a importância da família, embora predominantemente a enfocasse a nível individual e intrapsíquico, como o espaço das identificações constitutivas, centradas, inicialmente, na relação fusional narcísica mãe-bebê e, posteriormente, no triângulo edipiano. Mais recentemente, a partir dos estudos sobre grupo, a psicanálise acrescentou ao enfoque intrapsíquico a dimensão intersubjetiva, na qual o Outro pode surgir em sua radical alteridade, sem ser confundido com um mero objeto interno. Dessa forma se amplia o acervo teórico com muitos importantes conceitos, como mostra o dicionário de psicanálise de família recentemente lançado com 119 verbetes.

Em *Romances familiares*, originariamente um capítulo do livro *O mito do herói*, de Otto Rank, Freud (1976a) analisa um variado conjunto de fantasias que a criança faz em torno de sua filiação, no qual, num primeiro tempo, despreza o pai real e imagina um pai idealizado, de alta estirpe que virá um dia resgatá-lo; num segundo tempo, surgem as fantasias em torno do complexo mãe/prostituta.

São fantasias ciumentas decorrentes do complexo de Édipo, feitas pela criança

ao tomar conhecimento das práticas sexuais dos pais, como Freud amplia posteriormente em textos como: *Um tipo especial de escolha de objeto feita por homens* (Freud, 1976c), *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (Freud, 1976d) e *O tabu da virgindade* (Freud, 1976e) os quais são acrescidos, respectivamente, do subtítulo *Contribuição à psicologia do amor I, II, III*.

Ao romance familiar se acrescentou o tema do segredo familiar, descrito com o desenvolvimento da psicanálise de família. O segredo familiar diz respeito a acontecimentos familiares reais que não são reconhecidos e sim reprimidos, negados, cindidos, conseqüentemente não são transmitidos para as gerações seguintes de forma direta e sim através do silêncio, da ausência, de vazios na narrativa, o que provoca uma série de complicados sintomas. Enquanto o romance familiar é uma fantasia, o segredo familiar é um fato real ocultado. O segredo familiar se aproxima dos conceitos de cripta, fantasma e herança transgeracional concebidos por Abraham e Torok.³

Com as novas configurações familiares, o romance familiar e o segredo familiar – conceitos que pareceriam secundários e de menor relevância – adquirem uma nova densidade e complexidade.

Vou ilustrar esses conceitos com um fragmento da história do adolescente Freud. Na verdade, com seu próprio romance familiar, tal como o entende Gabrielle Rubin (2002). Com ele, vemos como a atual configuração familiar, em que coexistem proles diferentes e casamentos diversos na família e que pode parecer inusitado, na verdade tem uma longa história.

3 A cripta não decorre dos habituais mecanismos de repressão, negação, cisão. Ela consiste na incrustação ou encapsulamento de um segredo, uma vivência vergonhosa e indizível que produz um fantasma (Maria Luiza Dias). O fantasma, por sua vez, decorre da passagem do inconsciente de um outro, um dos pais, para o inconsciente do filho. O fantasma é diferente da fantasia inconsciente por não ter uma origem pulsional nem ser decorrente do recalçado dinâmico, “ele se aproxima mais da ideia de um ventríloquo, um estranho em relação ao próprio sujeito”. A herança transgeracional é a transmissão psíquica inconsciente entre gerações de segredos ou traumas familiares ocorridos em uma dada geração, o que dá origem à formação de criptas e sintomas nas gerações subsequentes (Ana Rosa Trachtenberg). (Levisky, Dias & Levisky, 2021).

É sabido que Jacob, pai de Freud, era um comerciante pobre de Freiberg, que se casara com 16 anos, fora pai aos 17 e enviudara pela segunda vez aos 33. Rodrigué (1995) diz ter havido ainda um nebuloso terceiro casamento que sequer teria sido desfeito quando ele se casou com Amalia, aos 38. Diz ainda Rodrigué que foi necessário que três analistas mulheres (Marthe Robert, Mariane Krülle e Renée Gicklhorn) rompessem um silêncio sustentado pelo machismo que não questionava o porquê desse casamento tão discrepante e desvantajoso para Amalia. O que teriam em comum o pobre e iletrado provinciano e a elegante vienense? Porque os Nathanson não escolheram um marido mais conveniente para a filha? Tudo leva a crer ter sido este um casamento de conveniência, e o motivo mais plausível e premente nessas circunstâncias é uma gravidez indesejada que precisava ser encoberta. Essa suspeita – levantada por Rubin (2002) e apoiada em muitos indícios por ela coletados – seria corrente na família? Teria Freud conhecimento dela?

Ao mesmo tempo, a própria estrutura da família facilitava a construção de um romance familiar. A diferença de idade de Jacob e Amalia e a convivência com meios-irmãos de idades tão diversas da sua fez o menino Freud compor três casais diferentes morando em sua casa: seu pai Jacob seria casado com a velha Babá; seu meio-irmão Emanuel com sua esposa real; e seu meio-irmão, Phillip, seria o marido de sua mãe Amalia, consequentemente seu pai.

Vemos que no caso de Freud se superpõem um romance familiar (a fantasia de ser filho de Phillip) com um suposto segredo familiar (um casamento arranjado às pressas em função de uma gravidez inconveniente da mãe) que tinha de ser escamoteado. Seja qual for a origem, o fato é que Freud, segundo Rubin (2002), padecia de grandes angústias quanto à sua filiação durante toda sua vida.

O disparador dessa questão pouco visitada pelos biógrafos é um episódio contado por Ernest Jones (1999). Diz ele que em 1925, por ocasião da nova edição de *Lembranças encobridoras* (Freud, 1976b) originalmente publicado em 1899, Freud entrou em pânico, temendo que ficasse evidente que o “universitário de 38 anos”, que naquele texto relata a lembrança, fosse reconhecido como ele mesmo. Pensou fazer substanciais alterações no texto, mas Jones o alertou que tais modificações,

ao invés de protegê-lo, mais o exporiam, levantando a curiosidade dos estudiosos. A intensa reação de Freud relatada por Jones, 60 anos após a ocorrência do fato e 26 anos após a primeira publicação do texto, é considerada por Rubin (2002) como uma boa indicação da importância do trauma em questão.

É conhecida a lembrança encobridora relatada naquele texto. Um menino de 5 anos está brincando com uma menininha junto com um primo e ambos a atacam e arrancam um buque de flores amarelas. Ao longe, duas mulheres conversam, desatentas ao que ocorre. Posteriormente elas chamam as crianças e lhes dão um pedaço de pão. A interpretação imediata é que seria uma fantasia erótica de ataque sexual, com componentes hétero e homossexuais.

Rubin (2002) se pergunta por que teria Freud ficado em pânico com essa fantasia, se já havia exposto aspectos até mais indiscretos de sua vida na análise de seus sonhos. Ela observa que, no texto, o “universitário de 38 anos” diz ter feito uma visita a sua cidade natal aos 17 anos e lá encontrara uma moça que o fez lembrar um antigo episódio que viveram juntos, quando tinha 5 anos, justamente o das flores roubadas. Pela correspondência trocada por Freud com seu amigo Edouard Silberstein (a quem chamava Berganza e se fazia chamar de Cipião), confirma-se a dimensão biográfica do acontecimento. Aos 17 anos, Freud foi efetivamente a Freiberg e teria se apaixonado por Gisela Fluss. Entretanto, um exame mais detalhado das cartas mostra que a verdadeira paixão de Freud teria sido não Gisela e sim sua mãe, Eleanora, o que dá uma dimensão edipiana e incestuosa ao episódio.

O que teria ocorrido efetivamente em Freiberg no ano de 1872? Teria havido um recrudescimento de suas dúvidas quanto sua filiação, uma exacerbação das fantasias sobre a vida sexual da mãe decorrentes da paixão secreta por Eleanora, como posteriormente descreve em *Romances familiares?*

Ali, diz ele:

Quando finalmente a criança vem a conhecer a diferença entre os papéis desempenhados pelos pais e pelas mães em suas relações sexuais, e

compreende que *pater semper incertus est* enquanto a mãe é *certíssima*, o romance familiar sofre uma curiosa restrição: contenta-se em exaltar o pai da criança, deixando de lançar dúvidas sobre sua origem materna, que é encarada como fato indiscutível. Esse segundo estágio (sexual) do romance familiar sofre o influxo de um outro motivo que está ausente no primeiro estágio (assexual). A criança, que já conhece os processos sexuais, tende a se imaginar em situações e relações eróticas, cuja força motivadora é seu desejo de colocar a mãe (objeto da mais intensa curiosidade sexual) em situações de secreta infidelidade e em casos amorosos secretos. Dessa forma, as fantasias da criança que inicialmente eram assexuais, elevam-se ao nível de seu conhecimento posterior (Freud, 1976a, p. 220-21).

Para sustentar tal hipótese, Rubin (2002) alega que 1872, ano referido nas *Lembranças encobridoras*, fora decisivo para Freud (1976b). Então, com 17 anos, ele faz duas significativas e sintomáticas mudanças em sua vida. Abandona seu projeto de ser um político ou líder de homens (como Aníbal) e passa a se interessar pela ciência, visando descobrir os segredos da “mãe natureza”. E é exatamente na correspondência com Berganza, quando se instala sua sintomática implicância com a sílaba IS, que desaparece de seu nome, passando a ser “Sigmund” e não mais “Sigismund”; na grafia de “narcisismo”, que ele propunha a grafia de “narcismo”; e no conceito “zona histerógena”, que passa a ser “zona erógena”. Vários autores tentaram explicar esse fato. Rossolato liga a “Israel”, segundo nome do pai, e entende a supressão do IS como uma rejeição ao pai e ao judaísmo. Anzieu o atribui ao superincesto wagneriano dos irmãos Siegmund e Siegliende, que produziu o filho Siegfried. Rubin (2002) pensa que a supressão tem, sim, ligação com o pai, mas especificamente devido à dúvida frente à paternidade. Mais significativo ainda, diz ela, há uma falha que passa despercebida no artigo. Nele é relatada a lembrança encobridora e sua análise, ou seja, a interpretação de seu conteúdo inconsciente, mas teria sido “esquecido” o principal, que fato essa memória estaria encobrendo.

Ecos da paternidade duvidosa apareceriam nas discrepantes datas de seu nascimento, que se evidenciariam mais tarde, quando a cidade de Freiberg o homenageia com uma placa e, apoiando-se em papéis locais, atribui a data ao dia

6 de março, ao contrário da data oficialmente estabelecida de 6 de maio.

Efeitos do romance familiar estariam ainda presentes na sintomática forma como Freud tratava os pais – a mãe com frieza e distância, nem de longe correspondendo à adoração que ela lhe devotava; o pai com uma excessiva benevolência, uma verdadeira formação reativa, a crer na afirmação de Anzieu de que Freud odiava a pobreza humilhante à qual fora relegado pela incúria do pai. Sua ambivalência em relação a ambos transparece em diversas situações. Não visitava a mãe aos domingos como deveria fazer, alegava sempre estar com “problemas intestinais”. Não foi às comemorações de seus 80 anos e, mais sintomático, não foi a seu velório e enterro – mandou a filha Anna em seu lugar. Jones (1999) diz que apenas duas vezes mencionou diretamente a mãe e o fez de forma derrisória, referindo-se a ela como “tuberculosa” e “queixosa”. Quanto ao pai, foi recriminado por familiares por ter escolhido a cerimônia mais barata para seu sepultamento e por ter chegado bastante atrasado ao velório, alegando estar “no barbeiro”.

Rubin (2002) acredita que, além dessas evidências, a preocupação com a paternidade e a filiação explicaria ainda a fascinação de Freud por homens e heróis que teriam tido dois pais, como Moisés, Shakespeare, Cristo.

Um outro exemplo ilustrativo de romance familiar é dado por Rubin (2002), ao citar o estudo de Tisseron a respeito da família do desenhista belga Hergé, autor de Tintin. Sem ter conhecimento de seus dados biográficos, Tisseron levantou a hipótese de que numa geração anterior da família de Hergé teria havido um nascimento ilegítimo. Chegou a essa conclusão ao estudar o comportamento dos personagens, especialmente o relacionamento mãe-filho configurado pelo Capitão Haddock e a cantora La Castafiore, bem como na dupla desastrada de gêmeos Dupond e Dupont. De fato, logo depois dois jornalistas descobriram que a avó de Hergé, Marie Dewiegne, moça simples que trabalhava para a Baronesa Dutzeel, engravidara, e sua protetora providenciara que um camponês se casasse com ela, garantindo a paternidade dos gêmeos que ela deu à luz. Um desses gêmeos era o pai de Hergé, que teria, assim, uma origem nobre encoberta pelo segredo que a mãe levou para o túmulo. Os efeitos danosos desse segredo fixaram-se na sintomatologia exposta pela depressão e mal humor mediadas pelo alcoolismo do

Capitão Haddock e pela eterna atrapalhão de Dupond e Dupont, que, apesar de gêmeos, têm sobrenomes diferentes, indicando a dupla paternidade.

Uma biografia (Angier, 2021) do grande escritor alemão W. G. Sebald também mostra a importância do segredo familiar em sua vida. Sebald conheceu o pai aos 3 anos, pois até então ele estava no front, lutando na Wehrmacht de Hitler. Sebald morava com o avô materno, por quem tinha um grande apego. A chegada do pai, num momento em que o complexo de Édipo estaria em ascensão, foi desastrosa para o menino, que não tolerou perder a convivência com o avô e ir para outra casa com o pai. O relacionamento difícil deteriorou de vez na adolescência, quando, no colégio, Sebald tomou conhecimento dos campos de concentração e demais atrocidades do nazismo, assim como entendeu o porquê das cidades alemãs destruídas. Até então havia um silêncio completo em sua casa e na comunidade sobre tais assuntos, a ponto de quando, pela primeira vez, saiu de sua aldeia e foi com os pais a uma cidade grande, ao ver os escombros a que os bombardeios aliados a haviam reduzido, imaginou que aquela era a condição própria e habitual de toda e qualquer cidade. Ao tomar conhecimento desses fatos, passou a acusar os pais de lhe terem sonogado tais informações, atacando especialmente o pai, que havia estado na guerra. Mesmo assim, a atitude dos pais não se modificou.

Deixando entre parênteses a extraordinária qualidade da escrita de Sebald, que chegou a ser cogitada para o Prêmio Nobel de Literatura pouco antes de sua morte prematura, num acidente de carro, podemos pensar que toda sua vida e obra estão marcadas por esse silêncio, por esse segredo. Em primeiro lugar, em sua obra ele se apropria da biografia de várias pessoas conhecidas ou não, quem sabe uma compensação por ter tido parte da sua própria história escamoteada pela família. Em segundo lugar, muitos de seus principais personagens são homens adultos de meia idade que tardiamente descobriram ter sido crianças do programa Kindertransport, os trens que levaram cerca de 10 mil crianças judias do continente para a Inglaterra. São, pois, homens que tiveram suas biografias truncadas e recuperadas a duras penas. Poderíamos pensar que o próprio Sebald, deprimido, em seu exílio voluntário de 30 anos na Inglaterra, teria uma identificação com essas pessoas que quando criança foram separadas de suas famílias e de suas histórias para poderem sobreviver.

O caso de Sebald é interessante por ser o outro lado da moeda do trauma do Holocausto, do Shoá. Ao mesmo tempo em que ele se identifica com os judeus e assume a culpa dos crimes praticados pelo nazismo, Sebald resgata o direito de falar do trauma que o nazismo, a guerra e os bombardeios aliados provocaram entre os próprios alemães, algo que ficou reprimido, como se eles (os alemães) não pudessem expressá-lo por terem sido os grandes causadores e responsáveis pela catástrofe.

Também é relevante o exemplo de Sebald porque nele o segredo familiar tem uma dimensão social. O segredo não é só de sua família, toda a sociedade compartilha dele, o segredo se funde com a negação. Essa conjunção é um fenômeno amplo, como mostra Derrida (2002), em *Mal de arquivo*, onde afirma que o poder controla o arquivo. Assim, a memória social, o registro histórico não representa a verdade, pois é fruto de repressões, negações e cisões, algo semelhante ao que ocorre com a memória individual, pessoal. O negacionismo do Holocausto é o exemplo mais gritante. Mais recentemente temos o silêncio em torno dos crimes praticados pelo colonialismo, que somente agora começam a ser reconhecidos e reparados, como a devolução de obras de arte saqueadas dos povos subjulgados.

Em seu livro *Genealogias*, Roudinesco (1995) reflete sobre como a instituição psicanalítica lida com seus segredos, focando sua atenção em dois exemplos. Por um lado, o inacessível Arquivo Freud e o escândalo ocorrido nos anos 1980 desencadeado pela desavença entre Kurt Eisler e Jeffrey Masson Moussaieff; por outro, a destruição do arquivo, política estabelecida por Lacan e mantida por sua família. Duas formas opostas e sintomáticas de lidar com o segredo institucional – a sacralização do arquivo ou sua destruição sumária – na medida em que, como disse Derrida (2002), a psicanálise é a ciência do arquivo, da memória.

Os casos nos permitem ver com clareza as diferenças entre o “romance familiar” e o “segredo familiar”, seguindo as ideias de Abraham e Torok (1995).

Como vimos, o “romance familiar” é uma fantasia inconsciente, faz parte do mundo interno da criança (“fantasme”, segundo Abraham). O “segredo familiar” não é uma fantasia e sim uma realidade objetiva, é um acontecimento histórico

mantido em segredo e, por isso, provoca efeitos no psiquismo daqueles que o desconhecem (“fantôme”, fantasma, assombração, ainda segundo Abraham). Os dois podem ficar interligados, pois na medida em que existe um “segredo familiar”, um não-dito na história da família, o “romance familiar” pode ser reforçado, a criança pode criar uma fantasia para preencher aquele vazio. Embora o efeito dos dois se assemelhe, a abordagem analítica é diferente em cada caso, pois o “fantasme” (fantasia) foi reprimido, o “fantôme” (fantasma) constitui uma cripta de difícil acesso, para deslindá-lo, muitas vezes é necessário que o analista tenha conhecimento da realidade histórica da família do paciente.

Não é difícil imaginar como as atuais configurações familiares facilitam e potencializam ambos os núcleos psíquicos do romance familiar e dos segredos familiares.

A convivência das diferentes proles, irmãos e meio irmãos, adoções, filhos concebidos artificialmente, casais homoafetivos, as questões de gênero, tudo isso alimenta fortemente as fantasias das crianças sobre suas origens, sobre a filiação, sobre a vida sexual dos pais, fantasias que fogem completamente ao severo policiamento exercido a nível consciente, reforçado pelo politicamente correto. Um exemplo simples e eloquente me deu uma colega ao me contar o que ocorreu no atendimento de uma criança de 5 anos, filha de um casal homoafetivo feminino. Em determinado momento, a mãe teve de sair da sala e a criança, aproveitando sua ausência, disse para a terapeuta que tinha um pai, mas isso era um segredo, não podia falar sobre isso, pois a mãe ficaria triste.

Nesse sentido, é interessante o livro de Susan e Marcus Evans (2021), *Gender dysphoria: a therapeutic model for working with children, adolescent and Young adults*. Os autores enfatizam que não há maior desserviço para o paciente do que levar imediatamente e ao pé da letra sua postulação por uma transição de gênero. Insistem na necessidade de investigar cuidadosamente a vida psíquica e as fantasias envolvidas nesse pedido. Tal conduta não é fácil e suscita grande resistência dos pacientes e muitas vezes das próprias famílias, pois, habitualmente, tal pedido é o capítulo final de uma longa e dolorosa história que deixou a todos – família e paciente – esgotados e desesperançados, vendo a transição como a única solução possível e desejável. Qualquer dúvida que o terapeuta apresente em relação a isso não é bem aceita.

REFERÊNCIAS

- Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta.
- Angier, C. (2021). *Speak, Silence: In Search of W. G. Sebald*. London, Oxford, New York, New Delhi, Sidney: Bloomsbury Circus.
- Derrida, J. (2002). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Relume Dumará. Rio de Janeiro.
- Evans, S. & Evans, M. (2021). *Gender dysphoria: a therapeutic model for working with children, adolescents and young adults*. Phoenix Publishing House. Londres.
- Freud, S. (1976a). Romances familiares. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. IX. Imago. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (1976b). Lembranças Encobridoras. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. III. Imago. (Trabalho original publicado em 1899).
- Freud, S. (1976c). Um tipo especial de escolha de objeto feita por homens (Contribuições à psicologia do amor I). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XI. Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1976d). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XI. Imago. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (1976e). O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XI. Imago. (Trabalho original publicado em 1918 [1917]).
- Jones, E. (1999). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Imago.
- Levisky, R., Dias, M., & Levisky, D. (2021). Cripta, fantasma e herança transgeracional. In *Dicionário de Psicanálise de Casal e Família*. São Paulo: Blucher Editora.
- Rodrigué, E. (1995). *Sigmund Freud: o século da psicanálise, 1895-1995 - 3 volumes*. Editora Escuta - São Paulo.
- Roudinesco, E. (1995). *Genealogias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Rubin, G. (2002). *Le roman familial de Freud*. Paris: Payot.